



Espaço na narrativa de Corações Sujos¹

Tamires de Lima Sousa SANTOS²

Larissa Kelly PAIM³

Márcia Guena dos SANTOS⁴

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este artigo tem como foco analisar o espaço narrativo no livro-reportagem *Corações Sujos*, de Fernando Morais (2000), fazendo uma revisão bibliográfica de diferentes autores sobre o tema e mostrando suas formas de manifestação nas narrativas. Os autores utilizados são Cândida Gancho, Oswaldo Coimbra e Oziris Borges que apresentam diferentes entendimentos e classificações desse aspecto narrativo. *Corações Sujos* mostra a atuação da sociedade secreta japonesa Shindo Renmei, a qual exterminava os imigrantes japoneses no Brasil que acreditavam na derrota do Japão ao final da II Guerra Mundial. Essa é uma das principais obras de Fernando Morais, e o estilo Novo Jornalismo faz parte da construção dessa grande reportagem.

PALAVRAS CHAVE: Jornalismo Literário; Espaço; Ambiente; Narrativa; Corações Sujos

INTRODUÇÃO

A narração é o ato ou efeito de narrar, ou seja, de contar histórias, e pode ser executada de forma verbal ou escrita. É considerado que a narração não possui data de início pelo fato das histórias sempre terem sido contadas, a princípio apenas de forma oral, e com o passar do tempo também através da escrita. Platão e Aristóteles foram pioneiros em sistematizar os aspectos da narrativa. Para Platão narrar era mais apropriado para representar a realidade que imitar, pelo fato de que o ato de narrar estaria ligado a coisas verdadeiras e o de imitar a simulacros, ou seja, cópias infíeis de uma realidade. Chiapinni considera que "o julgamento de que é mais adequado ao homem de bem

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: tamires-lima19@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: lpaim398@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora e professora do Curso Comunicação Social- Jornalismo em Múltiplos Meios da UNEB, Juazeiro, BA, email: marciaguena@gmail.com



narrar do que imitar, sobretudo quando o objeto de imitação lhe é inferior, está diretamente relacionado com a filosofia platônica como um todo" (CHIAPINNI, p.8)

Aristóteles possui reflexão com ideia oposta ao pensamento de Platão, considerando o imitar como revelador da essência do ser humano. Para ele o narrar viria em segundo plano, sendo mais importante a imitação textual direta.

Platão e Aristóteles foram revisados e reinterpretados, e na obra “A estética” de Hegel, houve uma sistematização desses filósofos, dividindo os gêneros em épico- referente ao modo objetivo de narrar algo, sem interferência ou envolvimento; o lírico- considerado subjetivo, pois há interferência de quem o narra; e o dramático- mistura dos dois primeiros gêneros. (CHIAPINNI, 2000, p. 5-10)

Se narrar é contar fatos, o gênero narrativo é o tipo textual que envolve essas histórias. A partir desse artigo será proposta uma análise reflexiva sobre o elemento espaço no livro reportagem *Corações Sujos*, explicitando-o a partir dos autores: Cândida Gancho (2006) que mostra classificações sobre os diferentes formatos de espaço, Ozíris Borges (2008) que discute com o autor Gaston Bachelard sobre as considerações de espaço, e Oswaldo Coimbra (2004) que cita algumas autores que se somam à sua forma de pensar sobre o elemento espaço.

Fernando Morais, autor de *Corações Sujos*, nasceu em 1946 no município de Mariana, Minas Gerais e é jornalista desde a década de 1960. O autor passou pelas redações da Folha de S. Paulo, Veja, Jornal da Tarde e TV Cultura. Atuou também na política, foi deputado, secretário de cultura e educação no estado de São Paulo.

Morais tem em sua bagagem a autoria de dez livros, entre biografias e livros-reportagem os quais são: *A Ilha; Olga; Chatô, o Rei do Brasil; Corações Sujos; Cem Quilos de Ouro; Na Toca da Ilha; Montenegro; O Mago; Transamazônica e Os últimos Soldados da Guerra Fria*.

Uma das obras de maior sucesso é *Olga*, lançada em 1985 e relançada em 1994 pela Companhia de Letras. Narra a história da alemã de origem judaica, Olga Benário, aliciada pela União Soviética para dar proteção ao militar e líder comunista brasileiro Luís Carlos Prestes, com quem vive um romance antes de ser presa e deportada pelo governo de Getúlio Vargas, e morta numa câmara de gás na Alemanha nazista. A união entre Olga e Prestes gerou uma filha que nasceu em uma prisão na Alemanha.



Com o livro-reportagem *Corações Sujos* lançado em 2000, ele ganhou em 2001 o Prêmio Jabuti e em outubro de 2011 foi lançado o filme baseado na sua obra, e dirigido por Vicente Amorim.

Fernando Morais faz parte do Novo Jornalismo, aproximando através dos seus livros-reportagem, jornalismo e literatura, utilizando aspectos narrativos literários dentro desse gênero jornalístico. Para entender como esses aspectos são utilizados, é necessário recorrer à narrativa e a seus elementos, os quais são o tempo, espaço, personagens e foco narrativo, identificando-os na obra jornalística. Nesse artigo trabalharemos com apenas um desses aspectos: o espaço.

RESUMO DA HISTÓRIA

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1942 ao lado dos Aliados (Inglaterra, União Soviética, França e Estados Unidos), os imigrantes japoneses que residiam no país sofreram rigorosas restrições como a proibição de falar a língua nativa em público e da circulação entre eles de periódicos estrangeiros, e o fechamento de suas escolas. Isso por conta do Japão fazer parte dos países do Eixo, junto à Alemanha e Itália, lutando contra os Aliados brasileiros.

Após o fim da Guerra em 1945 com a derrota dos países do Eixo (a maior parte dos imigrantes japoneses residentes no Brasil não aceitavam o fato de o Japão ter sido derrotado, já que em dois mil e seiscentos anos de guerra o país nunca sofrera nenhuma derrota. Os imigrantes que acreditavam que o Japão havia perdido a Guerra eram chamados de *Makegumi* (derrotistas) e os que não acreditavam de *Kachigumi* (os vitoristas). Com a prisão de alguns japoneses por tentativa de homicídio aos *Makegumis* e crimes contra a Segurança Nacional, nos interrogatórios quando perguntado quem havia ganhando a Guerra todos respondiam “Quem ganhou a guerra foi o Japão”. (MORAIS, 2000, p. 14)

Depois de uma série de atentados e homicídios contra os *Makegumis*, o DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) liga os fatos a uma seita nacionalista chamada *Shindo Renmei*, fundada pelo coronel Junji Kikawa, que chegou a pedir autorização do governo para a legalização da sociedade.

Segundo ele a *Shindo* era “uma sociedade para cultivar o *Yamatodamashii*, o espírito nipônico, e para unir os japoneses,



sem criticar ou menosprezar o nome do imperador, como os japoneses derrotistas fazem.

Queremos pedir autoridade para proibir a propaganda que alguns patrícios fazem inutilmente dentro da colônia, pregando o derrotismo”. (MORAIS, 2000, p. 117)

Mas na verdade, a *Shindo Renmei* através dos seus *Tokkotai* (matadores) exterminava os derrotistas, apelidados de corações sujos. A colônia japonesa que era composta por mais 200 mil imigrantes ficou dividida. Começava uma guerra entre os *Makegumi* (os esclarecidos ou derrotistas) e os *Kachigumi* (os vitoristas ou patriotas). Os últimos correspondiam a oitenta por cento dos imigrantes japoneses no Brasil. A maior parte da história acontece no Estado de São Paulo.

NOVO JORNALISMO

Apesar do jornalismo e da literatura se relacionarem desde o século XVIII no texto de grandes clássicos, o *New Journalism* toma para si a junção desses dois campos na década de 1960, nos Estados Unidos, com a ascensão de vários autores jornalistas. Essa denominação se refere à relação do jornalismo com a literatura, ou seja, o jornalismo utilizando os aspectos narrativos da literatura, tornando a leitura mais interessante (sem usar ficção) e prendendo o leitor até o final da história, dando ao jornalista novas possibilidades para construir seu texto e mais tempo para apuração.

Além disso, romperam com a estrutura tradicional do *lead* (o quê, quem, quando, onde, como e por que), utilizado tradicionalmente na abertura dos textos jornalísticos. Autores como Gay Talese, John Hersey e Truman Capote se destacaram na nova forma de fazer jornalismo.

O Novo jornalismo também rompeu com o uso obrigatório da objetividade/impessoalidade exigido ao jornalista, dando espaço para uma linguagem subjetiva e mostrou que jornalismo e literatura são conciliáveis. A literatura contribuiu grandemente com o jornalismo porque é flexível e dá maior liberdade, possibilitando novos olhares e linguagem, dando abertura para uma realidade mais ampla.

Mesmo com todas as suas particularidades, a literatura pode contribuir com o jornalismo, porque traz consigo “o desconforto, a inquietação e a desconfiança” em relação à expressão e representação da linguagem, o que é importante “em tempos que há predomínio do senso comum e do pensamento único neoliberal e global”. (SATO, 2002, p. 45).



Dentre todos os gêneros jornalísticos o que mais se apropria do *New Journalism* é livro-reportagem e também o que mais o caracteriza. Segundo Lima (2009, p. 26) “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”.

ESPAÇO: ELEMENTO DA NARRATIVA EM CORAÇÕES SUJOS

Para entender a articulação do jornalismo com a literatura é indispensável conhecer, ainda que de forma breve, os elementos que compõem a narrativa literária. Cândida Ganho (2006) considera no gênero narrativo as três categorias mais usuais: épico, lírico e dramático, e avalia que narrativa é o mesmo que a literatura em prosa, sendo as narrativas mais conhecidas pelas pessoas: novela, crônica, conto e romance.

Ganho também faz considerações sobre a narrativa, estabelecendo seus elementos: enredo, tempo, espaço, narrador e personagens, cada um tendo papel importante e determinante no desenrolar da história. Esses elementos se interligam, pois, por exemplo, os fatos (enredo) determinam o que irá acontecer com os personagens, em determinado tempo e espaço, sob o olhar de determinado foco narrativo.

Conceituando espaço, é o lugar onde ocorrem as “cenas” narradas. Segundo Ganho esse elemento pode variar bastante, pois uma menor quantidade de fatos e o enredo psicológico influenciam em uma menor concentração de espaço. Já um enredo bem elaborado pode levar o espaço a ser também mais desenvolvido na história, como acontece em *Corações Sujos*, onde um arsenal de fatos históricos faz parte a narrativa.

O elemento espaço tem como função primordial fornecer a localização das ações dos personagens, influenciando suas ações ou sofrendo a influência dos mesmos. Os diversos lugares citados no livro reportagem "*Corações Sujos*" de Fernando Morais, podem ser localizados hoje em dia, como a Ilha de Anchieta, local onde ficava a casa de detenção dos prisioneiros que faziam parte da Shindo Renmei.

Os presos ainda passariam algumas semanas lá, até serem triados, ouvidos pela polícia e só então terem decidido o seu destino (que tanto podia ser a volta para casa como ir parar nos enxovias do presídio da Ilha Anchieta). Tudo no “campo de concentração” era improvisado. Os presos dormiam no chão de



terra, usavam como privada um buraco nos fundos do terreno e, enquanto estiveram lá, ninguém tomou banho. (MORAIS, 2000, p. 282).

Para Gancho, o espaço pode ser mais detalhado quando ocorrem descrições na narrativa, e através de referências espaciais pode ocorrer um melhor direcionamento da caracterização do local apresentado na narrativa. Algumas categorizações de espaço usadas pela autora são: aberto, fechado, urbano e rural. Cândida Gancho ressalta que o termo “ambiente” é o que representa os lugares econômicos, psicológicos e sociais. (p. 17).

O espaço urbano é construído por Fernando Morais através dos: casebres de madeira, prédio da polícia na Avenida Tamóios, pensão Santa Terezinha, Tinturaria, o Hotel Avenida, Palácio dos Campos Elíseos, Avenida Rio Branco, barbearia, bar, cidades onde os japoneses imigrantes estavam distribuídos- Alta Paulista, Noroeste, Mojiana, Sorocabana e Santos- entre outros. Já o espaço rural é visualizado através da chácara de Yamamura e da fazenda de Fukuwara, ambas localizadas em Cafelândia; e da Ilha de Anchieta, onde o autor cita que era grande o seu isolamento (p.174).

Algo interessante é a mudança brusca que ocorre entre o espaço urbano e o espaço rural. A exemplo temos o capítulo nove “*Acabou a Shindo Renmei*” onde a princípio o delegado Pedro Seleiro se encontra em uma casa que possui uma bandeira do Japão em seu interior e uma cama cuja aparência é de ter sido usada recentemente, pois o colchão ainda se encontrava quente (p. 321).

No segundo parágrafo da mesma página, o delegado já se encontra no mato, onde passa por terras da antiga aldeia Icatu, dos índios Caingangues, e depois chega aos cafezais.

Através de cenas, onde o autor desenha na narrativa locais da natureza como cafezais, podemos perceber espaços abertos. Esse aspecto pode ser visualizado também quando ele mostra fatos ocorridos em lugares abertos como quando o kachigumi Noboru Mihabara é linchado no meio da rua: "A multidão que estava nas ruas viu o tokkotai disparar a arma e cair desmaiado e partiu para cima dele a chutes e pontapés. (p. 274)

Um fato que representa de forma clara o espaço fechado é quando antes de ser assassinado, o japonês Mizobe sai da cozinha e vai para a privada (p. 142), ou seja, partes de ambientes internos de uma casa.



Ambiente é um conceito que Cândida Gancho revela como uma relação entre tempo e espaço, onde se liga a esses o clima determinado pelas seguintes situações: socioeconômicas, morais, religiosas e psicológicas. O ambiente tem basicamente as mesmas funções do espaço, sendo que o primeiro pode informar as confusões psicológicas em que os personagens estão inseridos. Segundo a autora os aspectos que são levados em consideração são: época (em que se passa a história); características físicas (do espaço); aspectos socioeconômicos; aspectos psicológicos, morais, religiosos. (GANCHO, 2006, p. 19).

Em *Corações Sujos* o ambiente ou espaço social é formado por um clima de terror, provocado por imigrantes japoneses patrióticos fanáticos, no final da Segunda Guerra Mundial, situados em São Paulo, cidade que possui espaços que variam em suas características. Mesmo com a informação de o Japão ter perdido a Guerra, e com o fato sido noticiado nos jornais brasileiros, os japoneses imigrantes não acreditavam nisso. A partir daí temos como perceber o ambiente em que se encontrava São Paulo. Habitada por japoneses fanáticos: “Isso é propaganda americana” (p.89).

Topoanálise é o termo utilizado para designar o espaço na literatura, segundo o livro “A poética do espaço de Gaston Bachelard” (1989). Esse termo foi repensado por Ozíris Borges, em seu artigo de mesmo tema, onde ela afirma que a visão de Bachelard precisa levar em consideração algo além do estudo psicológico do espaço, pensando inclusive conclusões filosóficas, sociológicas e estruturais em uma obra literária. Para Borges a separação entre espaço e lugar não faz muito sentido, pois o termo espaço já aborda sentindo amplo abrangendo o cenário em si e todas as suas relações. (BORGES, 2008, p. 1)

Segundo Ozíris Borges o espaço pode determinar as ações dos personagens, tendo assim muita influência na narrativa. No capítulo um “*Vai recomeçar a segunda guerra*”, Morais mostra o estado em que os japoneses se encontravam ao provarem a comida brasileira: “... na capital paulista, elas experimentaram ali o primeiro de incontáveis choques culturais: a comida brasileira era intragável para um asiático.” (MORAIS, 2000, p. 25). Para o autor, além da função de determinar as formas de agir, o espaço também pode caracterizar o personagem, prever o modo que ele irá agir, e facilitar suas ações. Borges considera que apesar do espaço geográfico ser algo óbvio, possui valor importante na obra como um todo.



Mas a ambientação também é tratada de outra forma, como no espaço homólogo onde o humor do personagem se mistura com a noção de espaço. Dessa forma para o autor, um dia de sol em um lugar aberto pode representar um dia alegre e movimentado, ou ainda o astral do personagem retratado em mesma cena. Já no espaço heterólogo o espaço nada tem a ver com o sentimento de quem o vive na narrativa.

Borges Filho (2008) faz uma fragmentação no elemento espaço da narrativa, pois apesar de afirmar que todos os espaços são ficcionais, ao pensar nesses ambientes como algo ligado à realidade ele seria dividido em: imaginativo (que não tem existência real, mas que se aproxima em sua caracterização de lugares comuns), realista (onde são retratados espaços que existem na vida real) e fantasista (lugares que são inventados pelo autor, mas que não fazem parte do senso comum).

Borges identifica o enredo como uma composição de espaço dividido em quatro etapas: exposição, complicação, desenvolvimento e clímax, e a ligação desses espaços acontece dentro do percurso espacial. O autor também considera a utilização de macroespaços e microespaços, onde o primeiro refere-se a espaços amplos e diferentes, e o segundo onde “nesse caso, toma-se por base a característica específica dos dois tipos essenciais do espaço, a saber: o cenário e a natureza. E ligado a esses dois tipos de espaço, temos o ambiente, a paisagem e o território”. (BORGES, 2008, p. 4-5).

Para Borges, cenário é basicamente o espaço modificado pelo homem, ou seja, o espaço cultural, e a natureza é o espaço natural, onde não há modificações. Ambiente é a junção entre cenário e a natureza, através do qual se insere o clima psicológico na narrativa.

O conceito de paisagem tem a ver com o olhar que para ele é direcionado e pode se diferenciar na visão de diferentes especialistas. Pode ser uma paisagem natural ou cultural. Já território é o reflexo dos microespaços onde os mesmos estão sendo disputados na narrativa.

Em “O texto da reportagem impressa” de Oswaldo Coimbra (2004) o autor fala que existem diversos aspectos que o espaço pode ter na narrativa: físico, social e psicológico. O espaço físico para o autor é o cenário natural, onde há ação, movimento dos personagens e componentes decorativos interiores. “Como quase todos os patrícios residentes no Coim, Koketsu morava em uma casa pobre, pouco mais que um casebre de madeira, coberto por folhas de zinco”. (MORAIS, 2000, p. 10)



O espaço social compreende a “atmosfera” que está presente em determinado ambiente da sociedade. Sendo assim, o que dará forma e significação para esse tipo de espaço pode ser a presença de pessoas que tem algum destaque social reconhecido (personalidades) e também “pessoas características destes ambientes, aquelas conhecidas como tipos, quando transportadas para o universo do texto dramático”. (COIMBRA, 2004, p. 67).

“O novo xogum, o chefe supremo de todos os japoneses, agora era um *gaijin*, um estrangeiro, o general americano Douglas MacArthur, a quem eram obrigados a se referir, respeitosamente, como *Maca-san*, “o senhor Ma”. (MORAIS, 2000, p. 10).

“No final de 1938, entretanto, medidas tomadas pelo presidente Getúlio Vargas para enfrentar os “inimigos internos” iriam repercutir duramente na vida da comunidade japonesa”. (MORAIS, 2000, p. 33).

O espaço psicológico é construído para criar um clima denso na narrativa, por isso acaba produzindo interferências na ação dos personagens, criando uma relação contígua com os mesmos.

“O olhar gelado daquelas centenas de homens não revelava impaciência, raiva, ódio ou descontentamento; não revelava nada”. (MORAIS, 2000, p.219)

Através desses três aspectos espaciais a narrativa ganha autenticidade e situa o leitor no contexto e espaço em que a história acontece. O aspecto físico, através das descrições, dá a dimensão dos locais; o social traz a relevância da história para os leitores; e o psicológico expressa o clima e até sentimentos presentes na narrativa.

O espaço tem função essencial na construção da história. Logo no início da narrativa de *Corações Sujos*, os três aspectos de espaço já aparecem, evidenciando a sua importância para localizar as ações dos personagens e auxiliando o leitor a imaginar as cenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo trabalhado analisou o “espaço” na narrativa de *Corações Sujos*, e através do recorte de alguns trechos do livro foi possível observar a construção por Fernando



Morais de um espaço que consegue dialogar com as visões diferenciadas das definições dos autores estudados, a respeito desse aspecto narrativo.

Foi concluído que o espaço narrativo- compreendido aqui como valor geográfico, ambiente social, ou lugar onde acontece a formação do enredo- constitui parte do cerne dessa obra que versa sobre a história da Shindo Renmei no Brasil, no final da Segunda Guerra Mundial. Para o livro ser sistematizado houve a necessidade do autor se apropriar não apenas dos fatos históricos, mas também do modo de contar característico da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Oziris. **Espaço e literatura: introdução à toponálise.** In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências, 7, 2008, São Paulo. USP. http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf. Acesso em 30 de novembro de 2012.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa. Um curso sobre sua estrutura.** São Paulo, SP: Ática, 1ª ed. 2004.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo, SP: Ática, 7ª ed. 2006

CHIAPINNI, Lígia. **O foco narrativo** (ou a Polêmica em torno da ilusão) São Paulo, SP: Ática, 10ª edição. 1987. <http://pt.scribd.com/doc/19499733/Ligia-Chiappini-Moraes-Leite-O-Foco-Narrativo-rev> Acesso em 14 de dezembro de 2012

LIMA, Edvaldo Pereira. Fronteiras Ampliadas um Território em Conformação. In _____ . **Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura.** Barueri, São Paulo: Manole, 2009, p. 26.



SATO, Nanami. Jornalismo, literatura e representação. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 44- 45.

Fernando Morais. **Sobre o autor**. Disponível em: <http://www.fernandomorais.com.br/>. Acesso em 15 de dezembro de 2012

Pedro Pitanguy Rodrigues Cavaca. **Tênue linha entre jornalismo e literatura: Análise do conteúdo do livro-reportagem Radical Chique** (2005), de Tom Wolfe. Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), Belo Horizonte, 2009. Maurício Guilherme Silva Jr. (orientador).